

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

GROSSI, Miriam. *Miriam Grossi (depoimento, 2014)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2015 26 pp.

MIRIAM GROSSI
(depoimento, 2014)

Rio de Janeiro
2015

Nome do Entrevistado: Miriam Grossi

Local da entrevista: Natal, RN

Data da entrevista: 06 de agosto de 2014

Nome do Projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CSPLP):
Histórias de Vida

Entrevistadores: Celso Castro

Câmera: Priscila Bittencourt

Transcrição: Lia Carneiro da Cunha

Data da Transcrição: 16 de agosto de 2014

Conferência Fidelidade: Natália Quinderé

Data da conferência: 22 de setembro de 2014

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Miriam Grossi em 06/08/2014. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Celso Castro – Miriam, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o convite, principalmente no meio de um evento, no qual você é muito demandada. No início, eu queria que você falasse um pouco sobre sua família, suas origens, sua formação escolar ainda antes de ingressar nas ciências sociais.

Miriam Grossi – Eu nasci em Porto Alegre, em 58. Meus pais já tinham se conhecido no movimento estudantil católico, na JUC. Meu pai é médico pediatra, minha mãe é matemática, trabalhou sua vida inteira no campo da educação, e então eu fui criada... nasci em 58, num momento, ainda, onde a questão política era muito forte na minha família, nos amigos dos meus pais. Então eu vivi já nesse ambiente de militância, mas uma militância ligada a engajamento; com alfabetização – eu lembro, desde pequena, de acompanhar minha mãe, à noite, num bairro operário, para alfabetização no método Paulo Freire. Então foi esse, digamos, o ambiente no qual eu fui criada. Sempre um ambiente mais intelectual. E estudei em alguns colégios em Porto Alegre; um deles, na escola primária, que era o Colégio João XXIII, também, na época, um colégio criado por pais que queriam uma educação diferente para os seus filhos. Depois, esse colégio (que existe até hoje) se transformou muito mais num colégio de elite e menos, digamos, na proposta que era inicialmente, onde eu estudei no primário. Quando eu tinha dez anos, fui com meus pais para Paris. Eles foram estudar, na época, com uma bolsa do governo francês, cada um na sua especialidade, e eu tive a minha primeira experiência, então, numa escola francesa. E aí era uma escola pública, como é a educação francesa, muito rígida (isso foi em setembro de 68), era radicalmente diferente da formação que eu tinha tido até então, super progressista, liberal, alternativa, mas foi uma experiência marcante na minha vida, que se refletiu depois na minha carreira profissional acadêmica: a relação com a França. Eu morei lá durante um ano e meio...

C.C. – Foi em Paris?

M.G. – Foi em Paris que eu morei. Na verdade, eu morei num *banlieue* de Paris, em Boulogne-Billancourt, que é ao lado de Paris. Fui, então, numa escola pública, lá. Tive muitas experiências muito importantes. Aprendi francês, que eu acho que foi a coisa mais importante nesse momento, e o francês junto com outra experiência cultural.

C.C. – Essa ida dos seus pais para a França teve a ver com o contexto político no Brasil?

M.G. – Na verdade, meus pais nunca estiveram exilados. Eles sempre foram muito engajados. Até, esses dias, teve um almoço familiar, vieram afilhados deles, do meu pai, da minha mãe, e eles começaram a contar coisas que eu nem lembrava. Eles eram sempre muito engajados nisso, na esquerda católica. E estavam contando disso, de quando construíram a igreja, que todas as pessoas, que eram jovens profissionais liberais, no início do anos 60, médicos, engenheiros, advogados, e que eles tinham se engajado num empréstimo, empenhado as casas que eles tinham para construir a igreja. Uma perspectiva muito progressista. Só que tudo isso, com 64, eles se afastaram, foram gradativamente se afastando desse lado da igreja, porque a igreja progressista foi para a ilegalidade, e eles sempre ficaram nessa posição mais de apoio, de acolher pessoas. Foram coisas que não são muito contadas, mas de várias pessoas que eles acolheram. Por exemplo, Porto Alegre era uma rota de fuga durante a ditadura, de pessoas, então eles acolheram muito, no quarto de empregada – uma família de camadas médias tinha quarto de empregada na época. O quarto de empregada era o lugar onde as pessoas entravam por uma outra porta, não se via. Então, ali, dormiram muitas pessoas que iam para o exílio. Havia uma rede, na qual eles participaram.

C.C. – Mas em setembro de 68, quando vão, não tem nenhuma conotação de segurança...

M.G. – Não. Nesse momento eles foram, realmente, com uma bolsa de estudos. Meu pai foi para fazer um curso num... instituto internacional da infância, onde tinha médicos pediatras de vários lugares do mundo. Sempre nessa perspectiva muito humanista de respeito à infância, que vai dar nessas políticas mundiais. E minha mãe já foi, naquele momento, fazer o mestrado em matemática. No Brasil, em 68, programas de pós-graduação eram muito poucos; em Porto Alegre, onde a gente morava, praticamente inexistiam. Mas, para mim, esse período que a gente ficou lá (a gente ficou de setembro de 68 até fevereiro de 70), foi um período (eu tinha dez anos quando fui) onde teve essa marca da cultura francesa, mas teve também a marca do ingresso na consciência, digamos, política. Porque muitos amigos deles e pessoas que frequentavam o minúsculo apartamento que a gente morava em Paris... Que foi uma mudança radical, também, de classe. Saímos de uma casa, uma coisa confortável, para um apartamento super pequeno, porque a bolsa era muito pequena, uma família com três filhos. Eu era a mais velha. Tenho dois irmãos menores que eu. E frequentavam muito a nossa casa pessoas que estavam exiladas. E uma das coisas que eu lembro, que vai marcar, depois, várias coisas que eu estudei, é que foi ali, criança, que eu escutei os primeiros relatos de tortura. Eu até hoje penso isso. Quer dizer, claro, eram coisas que as crianças não podiam ouvir, mas que eu ouvi em algum momento. E esse momento então, quando a gente volta, em 70, ao Brasil, já era um momento disso, de que eu era uma criança que tinha uma consciência de coisas que não podiam ser ditas, não podiam ser contadas. A questão do segredo como algo muito importante. Que marcou muito minha reflexão, depois, sobre o campo da política. Uma outra questão, que depois vai voltar, numa pesquisa que eu fiz agora, mais recentemente, com Germaine Tillion. Foi

também nessa viagem, a gente fez muitas viagens pela Europa nesse momento. A gente foi ao campo de concentração de Dachau, na Alemanha, e eu perguntei... Ali, bom, tive a experiência de conhecer o nazismo, o que tinha sido a perseguição. E de eu perguntar para os meus pais: “Mas se o socialismo é tão bom, aqui não era o nacional socialismo?” E aí eles me responderam: “Não. Pergunta para o tio Vicente”. O tio Vicente era um sociólogo. Então eu sempre localizo muito que a minha primeira pergunta sociológica, ela tinha que ser respondida por um amigo sociólogo dos meus pais. E de alguma forma, ali, com a questão da violência, foi algo que me levou para as ciências sociais depois, no futuro. Essa foi, digamos, algo da minha trajetória no campo da violência.

C.C. – Esse tio Vicente era sociólogo?

M.G. – Ele era sociólogo. É o Vicente Faleiros, que é do campo do serviço social. Ele estava lá estudando sociologia. Era, digamos, reconhecido como sociólogo pelos meus pais.

C.C. – E quando voltaram, em fevereiro de 70, você voltou para o mesmo colégio?

M.G. – Eu voltei para o mesmo colégio. Mas aí já era um outro momento, justamente, político. Essa escola já tinha deixado de ser aquela escola de pais de esquerda ligados à JUC e já começava a se tornar uma escola muito mais elitista. E aí meus pais, que tinham uma perspectiva assim... lá em casa, por exemplo, (até hoje eu brinco) não se podia ver novela, não se tomava Coca-Cola, todas essas questões que eram assim imperialistas. E eles acharam que a gente tinha que sair daquela escola e ter uma experiência de escolas públicas. Então eu fui estudar numa escola pública, que também estava começando e era dirigida por uma diretora conhecida, que eles achavam muito interessante, que foi na Escola Tubino Sampaio, ali perto de onde eu morava, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. Lá eu fiz o ginásio. Naquela época era o ginásio. Aí já criando... Criamos o movimento estudantil lá, um... Nem lembro como é que se chamava.

C.C. – Grêmio?

M.G. – Grêmio estudantil, exatamente. Obrigada. O grêmio estudantil do colégio. E aí, nesse momento, eu fui, lembro de ter ido num congresso. E aí já comecei a participar. Nesse momento que eu estava no ginásio, 72, eu já integrei um grupo, que na época era o MDB, nem era o PMDB, mas que tinha o IEPES, que era Instituto de Estudos Políticos Econômicos e Sociais, do qual faziam parte Fernando Henrique, André Singer e vários desses intelectuais do CEBRAP. E lá em Porto Alegre, por várias razões de organização lá, uma parte de pessoas de esquerda se organizaram em torno do IEPES. Eu era do movimento estudantil secundarista e comecei a participar desse agrupamento. Lembro de um inverno super frio que eu fui com a minha prima, que também era desse grupo, para tentar infiltrar o movimento secundarista, que estava todo na mão da direita, dos pelegos, e fomos lá para um congresso secundarista em São Borja, na fronteira. Mas assim, ali, eu já comecei a participar do movimento estudantil. Por isso que a gente criou o grêmio. E foi algo que foi bem importante nesse momento, ali, do ginásio. Depois... Mas, sempre essa questão, quer dizer, a minha experiência de ter vivido na França e as minhas experiências familiares, elas me tornavam muito diferente naquela escola pública. Então era realmente... Eu sabia que era uma ação política, que era importante, então... Mas eu também tinha... havia sempre um desconforto, porque as minhas experiências... eu continuava... eu estudava na Aliança Francesa, onde, depois, eu fiz o exame de Nancy, fazia... todas as

questões, as coisas de camadas médias – balé, inglês e tal, e música –, e era uma experiência, evidentemente, de classe diferente da maior parte dos meus colegas naquela escola. Nessa escola não tinha o segundo grau, e aí eu fui... aí, a opção que se colocou, e onde eu entrei foi no Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre. Uma escola... Bom.

C.C. – Mas seus pais são de origem judaica?

M.G. – Não, meus pais não são. Todo mundo sempre pergunta. “Mas teu nome é Miriam, tua mãe é Ester, vocês não são judias?” Talvez cristãos novos. Mas eu tenho... Por isso, eu criei uma relação, também, muito próxima, muito íntima com a cultura judaica. Estudei todo o ensino médio no Colégio Israelita Brasileiro e tive uma experiência no Colégio Israelita Brasileiro realmente... Bom, dos 15 aos 18 anos é um momento de grandes descobertas e transformações na vida a gente. E meus amigos dessa época são realmente muito importantes. E aí também, Grêmio estudantil, fazíamos atividades ligadas a... fazíamos coisas de teatro. Tinha o Teatro Arena em Porto Alegre, então nós comprávamos ingresso para uma sessão, vendíamos no colégio, e depois tinha debate com os atores. Eram mil atividades dessa ordem. Existia a Proarte, que promovia concertos de música clássica. Então a gente... Era também... ali, o grêmio estudantil, ele tinha uma inserção no campo da cultura. E o Colégio Israelita incentivava muito isso. A gente tinha aula de teatro, tinha aula de filosofia. A gente teve aula de filosofia com ótimos professores. Então tinha também essa ambiência cultural muito forte. Era uma escola, claro, de elites, cara, e que formava muito bem para o vestibular, mas que tinha professores realmente brilhantes. E professores... bom, ligados à comunidade judaica de Porto Alegre e professores não ligados. Mas o critério, realmente, era os melhores professores. Eu tive ali professores fantásticos, que de alguma forma consolidaram a minha vontade de ir para ciências sociais. Eu até fiquei muito em dúvida, assim, em algum momento, se eu fazia psicologia, porque eu queria ir para a psicanálise, que também era outro campo que, naquele momento, me encantava muito. Já, em Porto Alegre, tinha muitos amigos dos meus pais argentinos exilados, já nos anos 70, da ditadura militar, então eu convivía muito com esse universo dos psicanalistas argentinos. E isso era um campo que eu pensava de fazer. Mas aí, graças a essas coisas, esses acasos, como diz a Mariza Peirano, tinha vestibular na UFRGS, federal, ou na PUC, particular, e na PUC tinha que fazer uma espécie de psicotécnico, para saber se tu era habilitado para fazer psicologia. E eu fiz esse psicotécnico e fui reprovada. Então, essa reprovação... claro, eu era uma aluna de primeiro lugar. Essa reprovação foi assim um choque. “Como!?” Essas experiências de ser reprovada... E depois, com aquilo, eu pensei: Não. Eu ia fazer os dois vestibulares, mas vou para ciências sociais mesmo, na UFRGS. Era o que eu queria. Já convivía com o pessoal das ciências sociais. Porque aí o movimento estudantil secundarista já estava ligado com o movimento estudantil universitário. E ali já foi... Então esse momento do Israelita foi um momento, realmente, muito marcante da minha vida e que acho que formou muito a minha experiência intelectual. Eu fazia nesse... Paralelamente, eu estudava na Aliança Francesa, que também era muito legal. A Aliança Francesa, naquele momento, em Porto Alegre (depois, até fui professora lá), era um lugar muito pequeno. E naqueles anos, nos anos 60, 70, alguns institutos, como a Aliança Francesa, o Goethe, também, em Porto Alegre, eram lugares, mais do que só ensinar francês ou alemão, eram lugares mesmo da cooperação internacional. E, por exemplo, na Aliança Francesa, tinha ciclos de cinema, de filmes, foi ali que eu vi *Nuit et Brouillard*, que é um filme clássico sobre campo de concentração, que depois eu fui... Justamente, voltando para esse eixo. Quando eu trabalhei com a Germaine Tillion, essa antropóloga que foi aluna de Marcel Mauss e que foi deportada para um campo de concentração, que é a primeira antropóloga que escreve sobre Ravensbrück. A

gente aprende que, por exemplo, *Nuit et Brouillard*, esse filme do Alain Resnais, que é um filme clássico sobre campo de concentração, ela foi uma das pessoas que inspirou e que ajudou no roteiro, por exemplo. Então eu estou contando como... essa trajetória de vida. Depois, claro, a gente vai fazendo as ligações. Mas, então, a Aliança Francesa, era um momento onde essas coisas... havia uma vida cultural muito intensa. Então, para além só de estudar francês (que fazia aquilo era intensamente, porque eram três vezes por semana, era muito difícil, era um curso de nível universitário), e também era um lugar onde tinha um espaço democrático de cultura francesa. Uma cultura francesa já de vanguarda e que a gente via ali. Então ali, também, foi um lugar muito importante nessa fase, dos 15 aos 18 anos, o tempo do ensino médio.

C.C. – Agora, você entrou para ciências sociais e você fez direção teatral também?

M.G. – Também.

C.C. – Entrou para os dois juntos?

M.G. – Não. Foi assim. Naquela época... Então. Minha primeira vontade era fazer psicologia para ir para psicanálise e fazer... Até porque tinha aquela coisa de fazer... para ser psicanalista, na época, grande parte dos psicanalistas eram médicos. Mas o meu pai era médico. E eu venho de uma família de médicos. Meu pai, a família Pillar e Grossi são uma família de imigrantes italianos e com muitos médicos, como era obrigatório. Até hoje o meu tio, irmão do meu pai (eram dois irmãos), meu tio Lauro, ele sempre reclama que ele não pôde ser médico porque meu pai era mais velho e foi ser médico, e ele teve que ser engenheiro, porque, afinal, tinha que ter um filho médico e um engenheiro. Eu vinha, então, de uma família de *ethos* da medicina e eu não queria de forma alguma seguir, digamos, a profissão dos meus pais. Claro que a gente sabe que depois, no fundo, a gente segue muitas coisas dos pais. Então não queria fazer medicina. Junto com isso, eu tinha horror de sangue, hospital e tal, então, a carreira, era a ideia de fazer psicologia. Que os argentinos já vinham com essa ideia de que, não, que tu podia fazer psicanálise em vários caminhos. Como não deu psicologia, eu sempre queria fazer teatro no colégio, estava muito ligada às pessoas de teatro. Mas o teatro só tinha na UFRGS. E na UFRGS, eu não podia fazer dois vestibulares juntos, então eu fiz... O que é que eu fiz? Eu fiz ciências sociais, que era o que eu mais queria, em 77, o vestibular. Entrei. Fiz um ano de ciências sociais. Já comecei, nesse primeiro ano, a fazer, lá, tinha o que a gente chamava de curso 2. Você podia fazer até duas matérias de outros cursos. Comecei já a fazer curso de direção teatral. No ano seguinte, eu fiz o vestibular e entrei no curso de direção teatral. E aí fiquei fazendo em paralelo. Mas aí aconteceu uma outra... um outro dado na minha trajetória. Que eu entrei em 77, em 78, no segundo semestre de 78, meus pais voltaram à França, de novo, para estudar. Aí, já, minha mãe foi fazer doutorado. E aí, eu estava já na faculdade, mas eu fui junto. Fiquei um ano lá, de setembro de 78 a julho de 79. Nesse ano que eu fiquei em Paris, que também foi um ano muito marcante, eu tentei ir para antropologia (lá não era ciências sociais), mas, deu uma... digamos, lá na ciências sociais que, na antropologia, tanto de Nanterre como em Paris V, não aceitaram a minha transferência, e no teatro, que era em Paris III, aceitaram facilmente, já me colocaram no segundo ano. Naquela época era o DEUG (diplôme d'études universitaires générales). E aí eu entrei no teatro. Então eu tive uma matrícula regular no teatro. Que foi muito bom, porque, ao invés de eu ir para a faculdade de sociologia/antropologia, lá, o que é que fiz? Eu fui para o teatro. A faculdade de teatro era maravilhosa. Entre outros eu tive aula com Augusto Boal, que era professor lá, durante a sua época de exílio, e com outros professores que marcaram

a minha cultura teatral até hoje. Foi maravilhosa a experiência, lá, nessa universidade, em Paris III. E aí, o que é que eu fiz? Eu comecei a frequentar as aulas, que eram da pós-graduação, na École des Hautes Études en Sciences Sociales. E quem eram os professores que eu assistia as aulas? Era o Maurice Godelier, era o Castells, Manuel Castells, era o Alain Touraine, professor que me marcou muito também, e outros professores que eu ia assistir seminários... e aí com quem? Eu assistia seminários, eu tinha dezenove anos, mas eu estava assistindo já seminários com as pessoas que estavam no doutorado. E grande parte das pessoas eram já meus professores ou colegas. Eu mesmo aqui encontrei, ontem, a professora Edna Castro, lá do Pará, que foi minha colega. E, de alguma forma, eu fui meio que adotada por aquelas pessoas, que eram muito mais velhas que eu naquela época, é claro; dez anos, significava muito. Então foi muito... Esse ano que eu morei em Paris foi muito legal. Era também o momento antes da anistia. Eu me engajei imediatamente num grupo feminista, em Paris, ligado a todas as questões... Bom. Também tinha, lá na Casa do Brasil, muitas reuniões do movimento brasileiro pela anistia. Então foi... E era também, na França, o movimento feminista estava no auge, digamos, das suas lutas. Então foi uma experiência muito forte para mim a entrada do feminismo na minha experiência de esquerda. Porque eu tinha uma experiência de esquerda tradicional. E, ali, eu tive a inserção dessas questões, que até hoje estão aí em embate, no governo Dilma, entre visões de esquerda mais tradicionais e visões de esquerda que envolvem transformações no plano da cultura, das relações pessoais. E, ali, foi, realmente, uma... A minha formação... É claro, também fui à aula, a disciplinas sobre antropologia da mulher naquele momento. Então foi muito marcante. Era o ano de faculdade. Eu perdi. Não consegui revalidação de nenhuma disciplina. Hoje, eu fico muito feliz, eu vejo os meus alunos, todos esses intercâmbios, vai e vem, é muito bom, eu sempre estímulo. Eu não tive nenhuma revalidação de nada. Mas o que eu aprendi naquele momento foi essencial. E aí, quando eu voltei, claro, eu já queria estudar questões de gênero, que não era gênero na época, era mulher, feminismo e tal, e já voltei para um outro lugar nesse momento. Eu devo dizer que... assim, já antes de eu ir, no primeiro ano da faculdade, eu tive a chance de ter aula com a professora Maria Noemi Castilhos de Brito, que estava chegando da Unicamp, onde ela tinha feito o mestrado e tinha estudado com Peter Fry, com a Mariza Corrêa, com a Suely Kofes, com a Verena Stolcke. Então, que já tinha tipo pinceladas dessas questões de gênero, e que tinha sido importante. E depois, eu já tinha ido com ela a campo estudar as operárias da fábrica de cobertores lá em Caxias e...

C.C. – Isso, antes de ir para a França.

M.G. – Antes de ir para a França. Mas era uma coisa assim... Não tinha bolsa de iniciação científica. Ela convidou alguns alunos da aula, a gente foi, para uma experiência de campo. Mas então, eu já tinha alguma coisa, já tinha essa sensibilização para as questões de gênero. Quando fui para a França, claro, elas se reativaram. Os professores são muito fortes, são muito importantes em abrir visões. Quando eu voltei, aí já tinha uma outra professora em Porto Alegre, professora Claudia Fonseca, norte-americana, mas que tinha morado muito anos em Paris, e, quando eu voltei, a professora Noemi já disse: “Ah! Tem que conhecer a professora Claudia”, e já me pôs em contato com a professora Claudia, que estava chegando, não falava muito bem português ainda, e a gente ficou muito amigas, no plano pessoal e... fizemos muitas disciplinas. E a professora Claudia Fonseca foi realmente minha grande mestra. Todo mundo pergunta se foi minha orientadora. Não foi minha orientadora formal em nenhuma instância. Mas não existia, naquela época, nem trabalho de conclusão de curso nem nada, na graduação. E depois eu voltei para a França. Mas a Claudia foi realmente uma pessoa que eu me considero, até hoje, da sua linhagem, minha

orientadora informal. Mas foram tantas mil horas de voo e de diálogos conjuntos que a gente já teve, desde 78, que, realmente, é a pessoa que eu me sinto muito próxima intelectualmente.

C.C. – Quando você voltou, você foi fazer só ciências sociais, você não continua mais com direção teatral?

M.G. – Não. Aí... questões da vida pessoal, privada. Quando eu voltei de Paris, eu já estava apaixonada, já me casei, já fui morar com meu primeiro marido, aí tinha que trabalhar para sobreviver, fazer faculdade, fui dar aula de francês na Aliança Francesa. E aí já era muito mais difícil de conciliar. Fazer duas faculdades quando tu mora na casa dos pais e tal é tranquilo. Mas fazer duas faculdades trabalhando, militando... Porque aí também já estava profundamente envolvida na militância. Eram coisas...

C.C. – Militância no movimento feminista.

M.G. – Feminista. Aí eu estava totalmente no movimento feminista, no grupo Ação Mulher. Então o teatro, ele ficou... Fiz mais uma, duas disciplinas... A minha ideia: não, eu vou acabar primeiro as ciências sociais, depois eu volto, faço teatro. Mas o que acabou acontecendo é que, quando eu acabei as ciências sociais, eu era professora na Aliança e me candidatei para uma bolsa de doutorado na França, porque podia. Na França, naquele momento, não precisava ter mestrado para fazer doutorado. E eu me candidatei para a bolsa do governo francês. Não era uma boa bolsa, era bastante precária, mas eu ganhei essa bolsa. Então, eu me formei em dezembro de 81 e, em setembro de 82, eu fui de novo, voltei para Paris. Já tinha esse conhecimento desse universo das ciências sociais, lá, e aí eu já fui para fazer o doutorado, em 82. Então eu fiz. Só que aí, quando eu cheguei lá, não me revalidaram totalmente as disciplinas, eu fiz o primeiro ano, eu fiz o mestrado, que seria o equivalente do mestrado, na Universidade, aí já de Paris V. Equivalente do mestrado. Eu trabalhei no campo da etno-linguística, fiz um trabalho sobre alimentação na região da Bretanha, na França. Que também foi uma experiência muito legal que a gente teve lá. Era uma excursão que a gente ia a campo com dois professores e quinze alunos, professora Jeanine Fribourg, professor Jacques Gutwirth, e ficamos duas semanas nesse vilarejo. E eu optei por alimentação, então fiz o meu primeiro trabalho nessa linha de antropologia da alimentação, que foi esse trabalho, digamos, equivalente ao que seria *maîtrise* e tal, na época, lá na França.

C.C. – O seu orientador, você escolheu?

M.G. – Não. Olha. Isso é assim. Primeiro, eu devo dizer que o Louis-Vincent Thomas, que foi meu orientador, foi uma pessoa... Ele era uma figura absolutamente...

C.C. – Era africanista.

M.G. – Ele era um africanista. Quando eu fui ser orientada por ele já tinha... era velhíssimo, já tinha quase setenta anos. Eu brinco velhíssimo, porque, para nós, para a turma que tem vinte anos, você imagina, assim, todo mundo que tem mais de trinta é muito mais velho. Ele já era professor muito experiente, ele tinha morado muitos anos na África, ele era africanista, e, naquele momento, a área dele era a questão da antropologia da morte. Então foi nesse eixo que eu cheguei nele. Mas, devo dizer, não é que eu escolhi trabalhar com ele. Eu queria, é claro, feminista que era, meu projeto era sobre violência contra a

mulher, e eu queria muito uma mulher como orientadora. Eu tinha essa bolsa do governo francês, e as opções que me deram eram algumas. Eu também queria trabalhar no campo da antropologia urbana. Fui. Cheguei... Não era uma coisa... A bolsa veio, eu fui para Paris, e lá tu tinha que definir com os professores. Então eu fui na École, conversar com possíveis orientadores. E tinha outra coisa: eu queria que fosse em antropologia. Então, na antropologia, na École, na época, eram muito poucos os professores que trabalhavam em sociedades complexas. Mulheres, praticamente, não havia. As duas mulheres que depois eu vim a estudar, que era a Germaine Tillion e a Denise Paulme, tinham se aposentado em 78. Eu tinha até tido aula em 78, mas elas tinham se aposentado, não podiam mais orientar no doutorado. Eu fui conversar com um professor especialista, na época, de antropologia urbana. E ele olhou o meu currículo, ele me disse algo que me marcou e que eu penso, hoje, como professora. Ele falou assim: “Ah, não. Aqui, no nosso laboratório... Tu é muito jovem, muito inexperiente, aqui, no nosso laboratório, nós só pegamos pesquisadores confirmados” – *chercheurs confirmés*. E aquilo... Bom. Eu não fui trabalhar com ele. E, por isso, eu acabei indo para Paris V, que era a opção que eu tinha. E, lá em Paris V, o que é que aconteceu? Eu não tinha muitas opções. E aí eu fui conversar também com um e outro professor... Só tinha homens, não tinha nenhuma mulher. Eu fui conversar com um e outro professor, e o que é que aconteceu? Eles... um não dava, não sei o quê, outro... E eu acabei indo conversar com Thomas, que me acolheu na casa dele e... cheio de coisas africanistas, quadros na parede... e disse: “Ah, sim, te aceito. Quer estudar violência? Eu te aceito”. Então ele me aceitou com uma tal generosidade... E ele sempre me dizia assim: “Uma vez, eu fui no Brasil.” Acho que era uma fantasia dele. Ele falou assim: “Ainda oferecem café de graça nos bares?”. E eu disse: “Não, professor, a gente paga o café”. Ele: “Não. Eu fui a São Paulo. A gente ia nos bares e o café era de graça”. Então eu acho que era assim: depois do almoço, ganhavam um café. Mas ele sempre me perguntava assim. Então, aquilo tinha marcado ele, do ponto de vista de uma generosidade do povo brasileiro, que ele dizia, que eu penso nisso, quer dizer, tinha uma coisa de reciprocidade... “O Brasil? Ah, eu quero muito. Venha trabalhar comigo...” Então eu acabei... Foi um acaso que me levou a trabalhar com o Louis-Vincent Thomas. Eu devo dizer também isso, quer dizer, eu não tive uma orientação, e como várias pessoas que estudaram na França na minha época, como são as orientações que eu dou e que nós temos no Brasil. Eu via o Thomas... Via ele uma vez por ano, na época de renovar a bolsa e de entregar algumas coisas. Então mandava... Na época era assim. A gente mandava pelo correio o que a gente tinha escrito e – era impressionante – no dia seguinte... demorava um dia, dali a dois dias eu já recebia, pelo correio, o texto todo anotado por ele. O problema é que a letra dele era incompreensível. Mas, às vezes, tinha assim: *Bon*. E ali... Ah, eu ficava com o *bon*. Deve ser bom... (*ri*) Era um tipo de diálogo escrito, que a gente vai ver, hoje, com a internet, a gente voltou a ter isso. Mas ele, realmente, todo dia de manhã, ele despachava a sua correspondência e fazia isso. Então o meu diálogo com ele era sempre... Eu sabia que para falar com ele, tinha que escrever. Se não escrevesse, não tinha diálogo.

C.C. – Mas não tinha cursos regulares?

M.G. – No primeiro ano, sim. No primeiro ano, na França, o doutorado (como é até hoje) é o DEA (Diplôme d'études approfondies) que é... tu faz as disciplinas que tu quer, sem muitos... créditos, assim, não tem leituras recomendadas, tu vai assistir seminários, tu escolhe o que tu quer. E eu, claro, assisti muitas aulas dele. E outro professor que foi muito importante no DEA foi o Georges Balandier. Ele fez, na turma dele, ele propôs algo que era... não existia, porque a gente não conhecia os alunos. Quando eu entrei no DEA, nós éramos oitenta alunos em sala de aula. Era um auditório. E, no final, a gente acabou...

C.C. – Maioria de franceses ou de estrangeiros?

M.G. – Muitos estrangeiros. Muitos africanos. Eu fiz muitas amizades com colegas africanos. Porque parecia... era uma universidade africanista. Então muitos colegas que eu tinha eram africanos. Tinha franceses, claro, evidentemente. Estamos na França. Mas já era... como é até hoje. O doutorado na França continua sendo um espaço onde há mais estudantes estrangeiros que franceses.

O Balandier, ele propôs que a gente fizesse um grupo de estudos sobre identidades. E esse grupo de estudos... Que eu logo me atirei: “— Sim, vou”. Para falar de identidade, mulher, feministas e tal. Foi ali que eu me defrontei pela primeira vez com uma colega com deficiência física, que fazia parte do grupo. Então, era deficiência física, a questão que hoje a gente vai chamar de teoria creep, capacitismo etc., tinha uma colega judia, que aí queria discutir a questão... Aí que eu percebi que, da minha experiência judaica na vida de Porto Alegre, no colégio israelita, ali, no Bonfim de Porto Alegre, ser judeu em Porto Alegre, naquela época, era uma experiência positiva. Não havia discriminação. Era uma comunidade da qual... Pelo contrário, ocupava lugares de reconhecimento na comunidade gaúcha, porto-alegrense, muitos médicos e muitos intelectuais. E aí eu me lembro que lá, nesse grupo, foi a primeira vez que eu entendi a identidade judaica como uma identidade de minoria, de luta identitária, que já era, por incrível que pareça, naquele momento, na França, no início dos anos 80, já há uma reflexão, que a gente vai ver hoje, super forte, nos embates que a gente está vendo. E tinha também uma colega que estudava ciganos, que era outra questão bem minoritária naquele momento. Que mesmo na França, hoje, é um problema social gravíssimo, a famosa questão dos *Roms*. E tinha isso, mais alguns outros colegas... Mas esse grupo de estudos, ele foi muito legal, porque aí a gente se reunia *pra* valer, toda semana, estudava, discutia, lia. E aí foi uma experiência *à la brasileira*, assim, de doutorado, que eu tive com aquela equipe do grupo de estudos. E depois, de sociabilidade e tal. Coisa que, se não, a experiência é muito solitária, de doutorado, na França.

C.C. – Imagino. Mas você ficou direto até quando?

M.G. – Não. Aí eu fiquei com idas e vindas para o Brasil. Porque a minha pesquisa de campo naquela época era assim: tu tinha que fazer um doutorado...

C.C. – Seu marido na época foi para a França?

M.G. – Não. Eu já tinha me separado. Eu me separei. E, aí, eu já tinha...comecei ... já tinha uma outra relação, que é a relação que eu tenho até hoje, com a professora Carmen Rial. E, aí, eu comecei a ir e voltar. Fazer minha pesquisa de campo no Brasil, para... Voltava para a França, vinha para o Brasil. E nessas idas e vindas, eu... A Carmen fez concurso em Santa Catarina, foi ser professora lá, e eu fui me encontrar com ela durante um período; e naquele momento estava abrindo o mestrado de ciências sociais em antropologia, e eu pensei de, quem sabe, fazer algumas disciplinas lá. Inclusive fiz a seleção, até passei no mestrado, comecei a fazer lá. Porque eu estava um pouco na dúvida de como é que eu faria a sequência da minha carreira. Tive uma grande oportunidade, nesse momento, de ter aula com o professor Klaas Woortmann, que estava como professor visitante, lá; e que também está aqui na RBA; e que, para mim, também, é outro professor fundamental na minha formação de teoria antropológica.

C.C. – Ele foi professor visitante em vários lugares. Ontem o Caroso estava dizendo que ele foi professor na Bahia...

M.G. – Então, o professor Klaas, eu tive aula com ele sobre campesinato e teoria antropológica, e foi realmente... Aprendi muito com o professor Klaas. Devo muito a ele, lá em Santa Catarina, quando ele foi meu professor. Nesse momento... bom, eu estudava violência contra a mulher. Era o tema da minha tese, que era ligado à minha militância feminista no SOS Mulher de Porto Alegre. E eu estava indo pesquisar, entrevistar as feministas e as mulheres que tinham passado pelo SOS Mulher. Estava estudando isso. Só que aí eu comecei a frequentar um convento que tinha perto de Florianópolis (não vou te dizer o lugar por questões éticas, mas, ali, nas montanhas), que era assim: tinha um hotel no convento. As freiras, de origem germânica, tinham um hotel. Então esse hotel era assim: quarto de convento, totalmente sem nada, tinha um problema difícilimo, de noite, para ler de noite, tinha que levar lâmpadas para trocar, porque não tinha... luz muito fraca, que apagava, não sei se dez, onze da noite. Tinha uma coisa assim de convento. Mas tinha um restaurante com uma comida maravilhosa. Café da manhã, almoço, janta, e um bosque, e uma montanha, um caminho, assim, de Santo Antonio e Santa Clara, que a gente parava quando tinha... Era um lugar maravilhoso de escrever tese. Então eu comecei a ir para o convento para escrever a tese. Sabe aquele momento dramático da vida de todos nós. E nisso, claro, eu estava lá, observava a vida das freiras, claro, dialogava muito com as freiras. Impossível de... A gente não é antropólogo meio período, a gente está sempre fazendo antropologia. E, aí, a Fundação Carlos Chagas abriu o concurso de pesquisas, de dotações de pesquisa sobre a mulher. E eu, como era totalmente sem nenhuma orientação, pensei: vou concorrer a esse concurso, sim. Mas ninguém me disse, nem eu pensei que eu pudesse concorrer com o assunto da minha tese de doutorado; o que seria óbvio que eu deveria fazer. Então eu tive a ideia de fazer um novo projeto de pesquisa, que era o de estudar esse convento e a questão... esse convento como ponto de partida, mas estudar a questão da vocação religiosa. Eu ganhei essa bolsa. Na época era uma bolsa muito boa. E, aí, eu fiquei numa esquizofrenia, porque eu tinha que escrever meu doutorado, já tinha acabado a pesquisa, estava escrevendo o doutorado, mas tinha ganho um recurso de pesquisa para fazer uma pesquisa sobre outro assunto. E comecei, então, a fazer pesquisa sobre esse outro assunto. Fiz, em paralelo, as duas coisas.

C.C. – O convento e o SOS Mulher.

M.G. – Exatamente. Fiz. E aí, como eu estava estudando... Aí, com isso, entre Paris e Florianópolis e Porto Alegre, e lá as montanhas, estudando o convento, fui a Porto Alegre conversar com a professora Claudia, lá na UFRGS. Passando pelo corredor da UFRGS, eu vi um cartaz falando de um concurso que ia ter na Furb, em Blumenau (que era onde eu estava estudando, perto do convento), na área de metodologia em ciências sociais. Que eu devo dizer que eu também devo muito ao professor José Vicente Tavares dos Santos, da sociologia, lá, em Porto Alegre, a minha paixão pela área da metodologia. Porque ele foi meu professor de método, um professor brilhante, maravilhoso; mas não só pelas aulas dele, que eram ótimas, mas por um evento que aconteceu no último dia de aula. Porque a gente era de um grupo das alunas brilhantes e militantes, e nos distinguimos sempre da turma assim – aspas – não fazendo nada, mas sempre ganhando o crédito, por sermos ótimos alunos. Porque tínhamos um capital cultural que nos diferenciava. E os professores todos caíam nessa lãbia, percebia a... Então tínhamos aquele currículo de ótimas notas. Quando chegou na vez do professor José Vicente, nós entregamos um trabalho, que eu já não me lembro o que é que era, ele nos deu uma nota tipo assim... se não era zero, era um.

E nós, quatro feministas de camadas médias, alto capital cultural, ficamos revoltadíssimas; e fomos lá reclamar, no meio da reunião do colegiado. (ri). Criamos um fato político. E ele, no meio da reunião do colegiado, lá, nos mandou sair da sala, foi lá fora, disse assim: “Olha. É o seguinte...” – “Mas como o senhor nos dá essa nota, porque para os outros... olha aqui, nós trabalhamos muito melhor...” Falou assim: “Ok. Para os outros, o trabalho é dez, do que eles sabem, porque eles estão aqui, é dez. Agora para vocês esse trabalho é zero. Se vocês não se dedicarem, não fizerem um trabalho à altura do que são capazes, vão ser reprovados na minha disciplina.” Então, nós ficamos revoltadas, furiosas, queríamos matar, nunca mais íamos falar com ele... Tudo aquilo. Hoje é meu grande amigo. Mas isso foi para mim um grande estímulo, porque, realmente, ele me fez... me ensinou algo, que hoje eu aplico muito na minha prática docente, que é: o aprendizado, realmente, ensinar, é puxar o aluno para o máximo de si mesmo. E ele foi a primeira pessoa que me confrontou com isso. Olha, não é pelo mínimo que se vai...

C.C. – Só passar.

M.G. – Só passar. Tu tem que realmente puxar de ti. Então, vou dizer isso, esse concurso... Isso é para contar porque, quando surgiu esse concurso na área de metodologia... Era uma área que eu sabia muito, porque eu tinha sido provocada a estudar muito. E eu vou... “— Ah, vou fazer esse concurso.” É aquela coisa. Vou fazer tudo. Estava ali já fazendo a minha tese... Mas, naquela época, tinha muito poucos concursos, então... Bom. Era uma oportunidade. E era em Blumenau, era perto de onde eu estava estudando, era em Santa Catarina, onde eu pretendia morar, e fiz o concurso lá. E na banca estava o professor Sílvio Coelho dos Santos, que depois vai me levar para Florianópolis. E, aí, eu passei em primeiro lugar no concurso. Aí começou mais uma questão: eu tinha que dar aula em Blumenau. Então eu fiquei naquele momento ali. Isso foi em 87. Eu fazia a tese, estava acabando a pesquisa das freiras, comecei a dar aula em Blumenau. Blumenau estava abrindo o curso de ciências sociais; mas ainda não tinha muitas disciplinas de ciências sociais. E aí eu tinha que dar aulas loucas. Aquilo que toda pessoa em início de carreira faz, e eu acho que tem que fazer mesmo, porque é aquele banho... imersão nos casos mais difíceis. Por exemplo, eu tinha que dar aula para uma turma de noventa alunos de sociologia ou ciências sociais, para uma turma de noventa alunos da educação física, que chegavam no auditório, vindo de alguma prática desportiva, de camiseta, suados e tal, e que a última coisa que queriam ter era uma aula teórica. Porque, claro, eu também estava, naquele momento, achando que... não, nós temos que dar aula teórica, temos que ler textos. Aquelas coisas todas que quando a gente está em início de carreira a gente acredita piamente, e que depois vai percebendo que não, que a gente tem que ser antropólogo também no processo de ensino. Então aquilo, eu me lembro de até chorar em sala de aula, desesperada, porque não tinha como controlar aqueles alunos. Mas eu dava realmente, peguei uma carga de umas vinte horas em sala de aula. Dava milhares de disciplinas. Dei aula ali, que foi legal também, tinha um curso de teatro, eu dava aula de antropologia do teatro, naquele momento ali. Blumenau foi a primeira experiência, então, de ensino de... Eu já tinha dado aula de francês. Ali, foi minha primeira aula de ensino na área de ciências sociais. E foi muito importante. Também dei aula, foi dos meus primeiros alunos, com quem eu fiz pesquisa, depois que eu fiz o doutorado, e... A primeira pesquisa que eu fiz era uma pesquisa encomendada pela associação... Fiesp, que era ali federação da indústria de Blumenau, que ali é o polo industrial de Santa Catarina. Eles estavam muito preocupados, naquela época, com o número de acidentes de moto que tinha em Blumenau. Nessas indústrias têxteis, os trabalhadores são operários camponeses. Eles são pessoas que moram no campo e vêm de moto. Então foi a primeira pesquisa que eu fiz, algo que eu faço até

hoje, com grandes equipes de pesquisadores, e de formar pesquisadores em pesquisas, mesmo, coletivas. Foi uma experiência muito legal que eu tive, lá, em Blumenau. Mas tudo isso para dizer assim. Eu entrei na Furb em 87, trabalhei um semestre. Eles foram muito legais comigo lá, os meus colegas, disseram: vai para Paris acabar a tua tese. Então, eu voltei para Paris no segundo semestre de 87.

C.C. – Já com a tese pronta?

M.G. – Não, não. Tinha que escrever a tese, tinha que escrever o relatório da outra pesquisa. Aquelas coisas que também estão na vida de todos nós. Não é que tenha melhorado ou piorado. Mas aí fui, trabalhando loucamente essas duas coisas. Acabei de escrever minha tese no dia... Não. Entreguei a minha tese, tinha que entregar, eu tinha um prazo lá, que era 28 de fevereiro. Graças a Deus, em 88, era ano bissexto, então tinha 29 de fevereiro. (*ri*). Então esse dia foi o dia mais precioso da minha vida. Foi o dia que eu entreguei na secretaria e tal. Aí eu cheguei lá no meu orientador, cheguei lá no Thomas, fui levar em mãos a cópia dele, e cheguei na casa dele (metrô Picusse), e ele me mostrou... Eu falei assim: “Ah professor, eu quero defender logo”. Tinha que voltar para dar aula em Blumenau. E ele falou assim para mim: “Eu acho que talvez na *rentrée*, (que era em setembro) talvez dê.” “Não. Imagina. Nós estamos em fevereiro...” Era dia 29 de fevereiro. E aí ele me mostrou assim: “Olha. Está vendo isso aqui?” – realmente, era uma pilha de teses. Ele falou assim: “Todos esses entregaram antes de ti.” Bom. Mas ele era uma pessoa muito legal, excepcional, e aí conseguimos marcar a banca. Eu defendi no dia 22 de abril de 1978, a tese. E aí voltei para trabalhar em Blumenau. Nesse meio tempo, Cláudia Fonseca tinha falado com meu pai, avisado meu pai que ia ter um concurso na UnB e que eu tinha que me inscrever. Vamos lembrar. Esse tempo todo, não tem internet, o correio, a gente escreve uma carta, leva uma semana para chegar, uma semana para responder, o telefone é caríssimo. Então, não é assim, o momento de hoje. Aí meu pai me liga. “A professora Claudia me avisou que vai ter o concurso, tu tem que se inscrever. Me manda uma procuração.” Mande uma procuração, meu pai me inscreveu. Então... Mas eu achava que o concurso ia ser... Não sabia como era concurso. Que é demorado. Quando é que seria. Aí eu voltei em final de abril, e esse concurso na UnB foi no início de junho. Bom. Foi uma corrida tudo. Aí voltei, já estava dando aula em Blumenau, no meio do semestre, fui à UnB, fiz o concurso lá. E quem estava na minha banca? Nosso querido, saudoso professor Gilberto Velho. Que, claro, conhecia só de livros e de ter visto em reuniões de ABA. Mas, para mim, claro, era um autor importantíssimo. E o Gilberto estava nessa banca. Eu, claro, morrendo de medo, evidentemente. Eu acho que tive muita sorte nesse concurso, porque caíram questões que eu dominava. E acho que fui bastante bem nesse concurso. Passei em segundo lugar. E aí... Bom. Mas só tinha uma vaga. Não fui chamada, naquele momento, ali, para ir trabalhar na UnB. Mas graças ao fato de o Gilberto ter estado nessa banca, isso também me abriu... Você conhece bem, conheceu bem o Gilberto, uma pessoa extremamente generosa...

C.C. – Você sabe que eu fiz o mestrado e o doutorado com ele...

M.G. – E tu conhece, sabe assim, aquela capacidade que o Gilberto sempre teve de produzir redes e colocar as pessoas em diálogo. Então, assim, eu sei que o Gilberto foi uma pessoa que falou muito de mim, em muitos lugares. Bem, aparentemente. Eu era... Claro, eu, hoje, só me dou conta também das coisas... das qualidades. Quer dizer, na época, eu era muito jovem, eu tinha apenas 29 anos, quando acabei o doutorado. Era um momento que havia muito poucos doutores no Brasil.

C.C. – O Gilberto nessa época, ele tinha 43 anos, embora parecesse ter muito mais.

M.G. – Para mim ele era... (*ri*) Velho. Gilberto Velho.

C.C. – A pose “imperial” que ele tinha, porque tinha uma produção... presidente da ABA... Enfim, era uma referência. Mas ele tinha 43 anos. É muito pouco.

M.G. – É isso. Mas ele já tinha esse lugar na antropologia brasileira. Então o Gilberto foi uma pessoa que, lá do Rio... Eu levei muitos anos, depois, para ter coragem de dialogar com ele mais de igual para igual. Mas eu tenho que reconhecer que o Gilberto teve esse papel, que foi muito importante para mim. E aí, com isso, eu comecei a receber vários convites de outras universidades, que queriam que eu fosse como professora visitante ou como recém-doutora. E foi no bojo disso que... Eu estava lá em Blumenau... E que o professor... Aí também, nesse mesmo momento, estava no CNPq, o professor Klaas Woortmann, era nosso representante de área no CNPq, e... não sei, das coisas todas – eu sei que o professor Sílvio Coelho dos Santos me liga e me diz: “Ah, eu sei que tal universidade está pedindo para tu ir lá como recém-doutora, mas tu tem que vir para a UFSC.” Então foi isso, foi nesse momento que o professor Sílvio me estimulou para fazer um pedido de bolsa para a UFSC, professor Klaas estava no CNPq.

C.C. – Recém-doutora?

M.G. – Recém-doutora. Professor Klaas, que estava no CNPq, me estimulou muito para ir para lá, e fui. Mas a UFSC em... E aí eu comecei a trabalhar como recém-doutora na UFSC, em 89.

C.C. – A Carmen já estava lá como professora?

M.G. – A Carmen já estava lá, como professora no jornalismo. Ela era professora, primeiro, no curso de jornalismo. Depois é que ela se transferiu para o Departamento de Antropologia. Bom. Eram tempos pioneiros, áureos. Nós fomos morar numa comunidade na Lagoa da Conceição, com outras pessoas (nós queríamos uma vida alternativa), num lugar onde não tinha telefone, não pegava televisão, a estrada era de terra, quando chovia não dava para sair de casa. Bom. Eram tempos de *communitas* muito fortes, para muitas pessoas que foram, no início dos anos 80, para Santa Catarina, trabalhar na UFSC. Isso não foi só no departamento que hoje é de antropologia; que, aliás, até hoje permanece sendo um departamento com... praticamente todo o departamento de pessoas que não são de Santa Catarina. Mas isso aconteceu em muitos departamentos da UFSC, de acolher jovens com características muito similares às que eu tinha. De movimento estudantil, militâncias várias, projetos mais alternativos de vida. Então foi isso, assim um pouco, que nos levou... Porque nós como gaúchas que éramos, quando a gente estava no tempo da faculdade, a graduação, todo verão, o que a gente fazia? A gente acampava em Santa Catarina. Santa Catarina era um lugar assim... das férias, e que a gente sonhava em passar a vida inteira na beira do mar e tal. Depois, a gente realizou um pouco esse sonho. Que foi isso... Só para dizer assim. Então essa foi... essa decisão, realmente, da minha vida pessoal, afetiva, profissional, da qual eu acho que... seria impossível falar da minha carreira sem falar dessa parceria intelectual muito importante para mim, mas que, claro, é uma parceira que vai também se definindo ao longo da trajetória, dessas várias coisas também. Em muitos momentos pensei de ir para outros lugares. Na UnB, também me chamaram, em outros

momentos, para ir trabalhar, eu fui como professora visitante, em 95, no mesmo ano quando minha mãe foi eleita como deputada federal pelo Rio Grande do Sul, eu achei que era um momento importante de eu apoiá-la, pessoalmente, como filha, e também o momento onde aquele convite de trabalhar em Brasília pôde se concretizar. E foi para mim uma experiência muito legal. Eu trabalhei lá em 95, no Departamento de Antropologia da UnB, da qual eu me sinto também muito próxima. Eu brinco muito que eu tenho os meus irmãos, o Gustavo, o Luís Roberto, são da minha geração, temos aí uma irmandade de geração, e eu sou muito próxima dos colegas da UnB. As colegas feministas também lá são muito importantes. Dra. Lia, professora Miriam Soares, professora Rita Segato, professora Lourdes Bandeira. São pessoas que foram importantes, e são amigas, e com quem eu trabalhei lá, também nesse período.

C.C. – E você acompanhava o mandato da sua mãe de alguma forma, ou só como filha?

M.G. – Não. Eu morava, fui morar num apartamento funcional com minha mãe. E meio que fazia aquela parte assim de cuidar da infraestrutura, porque a vida de deputada é uma vida louca. Ela estava começando, ela não tinha experiência ainda. Então eu trabalhava, ajudei muito nessa parte de... e de também desse diálogo que precisava naquele momento. Ela ficou morando sozinha em Brasília, meu pai continuava morando em Porto Alegre. Trabalhava, era professor da universidade e médico, e tal. E eu morei lá. Foi uma experiência muito legal para mim. Eu aprendi muito com esse momento. E também aí me levou um pouco para outras coisas que eu trabalhei, que tenho trabalhado, sobre mulheres na política, a questão da política... Porque eu pude também, claro, perceber, ter essa experiência da vida política naquele momento, ali, petista, por essa experiência mais pessoal, subjetiva, que era a relação que eu tinha, e sem nenhum compromisso partidário, mas vivendo ali com a minha mãe ligada à bancada do PT e engajadíssima naquele momento. Que foi uma... Aqueles anos, o primeiro mandato que ela teve, 95-98, foi um mandato muito interessante, tinha muitas mulheres. Benedita da Silva, tinha a... Bom. Tinha muitas mulheres que tinham sido eleitas. Então era também um momento bem interessante, onde o ser fêmea estava articulando, eu também estava próxima das feministas lá, em Brasília, naquele momento. Foi um momento, também, que eu aprendi muito e que me levou a pensar mais nesse campo da antropologia política, em particular, nas questões de gênero na política.

[FIM DO ARQUIVO 01]

C.C. – Voltando um pouquinho ao seu início na Universidade Federal de Santa Catarina, primeiro como bolsista. Depois você virou professora visitante, quando acabou a bolsa. Também organizou a ABA lá. Você se engajou nesse momento.

M.G. – Isso. É. Nós estamos aqui na 29ª RBA. E...

C.C. – Pois é. Lá, era a 17ª.

M.G. – Exatamente. Na 17ª RBA, então, eu estava lá como pesquisadora. A gente brincava, em 89, que o programa de pós-graduação em antropologia, que aí já tinha sido criado, cabia num Karmann-Ghia, porque éramos seis professores. Era o Sílvio, a professora Ana Maria Beck, a professora Jean Langdon estava recém chegando, ainda não era efetiva, o professor Dennis Werner, também norte-americano, o professor Rafael Bastos, que recém tinha entrado, por concurso, a professora Ilka Boaventura Leite, que

também estava na mesma situação que eu, ainda, provisória, com bolsa de recém-doutora, e eu, que era a sétima desse Karmann-Ghia. E aí a gente... Claro, o Sílvio, ele me inoculou esse vírus, que é esse vírus de gostar, de fazer, organizar reuniões de antropologia. O Sílvio, que já tinha organizado, em 74, a reunião, que é histórica, na ABA, que a gente chama de renascimento da ABA, que foi quando, no meio da ditadura militar, a ABA não se reunia, e o Sílvio organizou em reunião, em 74, que foi uma reunião onde estavam começando os programas de pós-graduação e que veio muita gente nessa reunião, e que foi uma reunião histórica, então, para a ABA. Já tinha organizado essa reunião, já tinha essa experiência. Claro. Tinha sido uma reunião histórica, que tinha muita gente, mas o “muita gente” cabia... nós temos as fotos, históricas, da reitoria da UFSC, que cabem duzentas pessoas. Então era *muita* gente, duzentas pessoas. E ele tinha se engajado com o professor Roberto Cardoso de Oliveira, eu acho... Não. Professor... Não me lembro mais. O Antonio Augusto Arantes, eu acho que era, na época, e a gente fazia reunião da ABA lá em Florianópolis, em 90. Então, eu cheguei em 89, e já estava todo o grupo lá, em comissões e tal, para organizar a reunião da ABA. Claro, reunião da ABA de 90, que foi lá em Florianópolis, ela teve eu acho que quinhentas pessoas; mas era muito grande já, para a época. E eu, claro, já me engajei ali em várias comissões. Entre elas, eu fiquei responsável pela edição do Antropodicas. O Antropodicas era um jornal diário, que reunia todos os alunos da pós-graduação, e a gente fazia... Era assim... fofocas: fulano fez isso, via aquilo e tal. A gente escrevia de noite. Mas não tinha computador, óbvio. Era assim: escrevia... Era do cortar-colar de verdade. Cortava, colava, diagramava, fazia xérox...

C.C. – Mimeógrafo, ainda?

M.G. – Não. Xerox. Fazíamos xerox e tal, o Antropodicas, com coisas que aconteciam. Eu trabalhei muito lá, nas madrugadas. Ainda tinha energia para isso e tal. E foi muito legal. Foi um aprendizado muito grande. Sílvio, para mim, ele é uma pessoa que foi muito importante no... Assim, ele me introduziu nisso, que também é algo importante na minha carreira, que é a política acadêmica. Ele me ensinou isso: a como fazer redes, a como dialogar com as pessoas, a como inserir novas gerações no campo da política acadêmica, mostrando que não basta apenas fazer uma excelente pesquisa, ser um bom pesquisador ou ser um ótimo professor, que a antropologia, e a ciência em geral, exige horas de dedicação administrativa, de gestão, e gestão exige política, diálogo, conversa, redes etc. Isso o Sílvio me ensinou muito bem. Eu devo muito ao Sílvio, porque ele era absolutamente brilhante no campo da política acadêmica. E ele me ensinou muito isso. Então, eu estava lá e... bom, peguei o gosto por isso. E aí, já naquela RBA, já fiz milhares de coisas; e comecei a fazer muitas coisas lá, nesse campo, assim, já com Sílvio, desde aquele momento. Logo em seguida eu já assumi, como vice, a coordenação do programa de pós-graduação. A Ilka era a coordenadora, eu fiquei na vice, então já aprendi, ali, a fazer relatório da Capes; o Otávio Velho veio nos visitar nas visitas da Capes, porque o nosso programa... Quando eu cheguei em Florianópolis, eu estava contando que era um lugar perdido. Naquele momento, as notas dos programas era A, B e C. Santa Catarina era C. Significava nada. Nós éramos muito poucos. Então o professor Otávio Velho, que era representante da antropologia na Capes, veio fazer uma visita de avaliação e reconhecimento. Nós nos esforçamos ali ao máximo para mostrar que nós éramos ótimos e fazíamos mil coisas. E eu acho que o Otávio se convenceu. Até hoje, ele nos apoia muito. E também nos deu muitas dicas de como fazer o relatório, de como... Eu me lembro disso, ele, ali, já nos deu a dica: “Tem que organizar grupo de trabalho na reunião da ABA, tem que ir na Anpocs.” Então a gente fez aquele investimento, mesmo, de participação. As pessoas têm que conhecer você, você não pode ficar aqui só em Santa Catarina, vocês têm que ir para outros lugares e tal. E aí eu

acho – digo assim com alegria e orgulho, eu acho que a gente conseguiu construir ali um programa, que tem o reconhecimento que tem hoje, a partir daquele momento. E aí fomos integrando outras pessoas. Depois, outros professores foram fazendo concurso, foram fazendo doutorado e integraram a nossa equipe ali, em Florianópolis. Então...

C.C. – Você acabou indo para a Capes.

M.G. – Depois eu fui para a Capes. Que é outro momento que eu considero bastante significativo da minha carreira, pelo menos para mim, foi um momento que eu aprendi muito.

C.C. – Mas eu queria, antes, que você falasse (aí, você já como professora efetiva) nesse campo da sexualidade, gênero, como é que se dava o debate na época e a trajetória de pesquisa e orientação também, que você orientou 50 teses, dissertações.

M.G. – Bom. Vamos lá. Primeiro, assim. Aquela loucura que eu tinha feito de fazer a pesquisa para a Fundação... o concurso na Fundação Carlos Chagas tinha sido, politicamente, academicamente excelente, porque a Carlos Chagas reunia as pesquisadoras que tinham ganho as bolsas com pesquisadoras consolidadas na área; então, ali, eu, jovem, já conheci pessoas da minha geração que tinham ganho bolsa junto comigo e conheci as históricas, que vinham debater nossos trabalhos. Isso foi muito importante. Então eu já estava integrada na rede de pesquisa feminista. Frequentava já, na Anpocs, os grupos de... que tinha dois grupos, mulher e trabalho, mulher e política. Já frequentava esses grupos. Frequentava, também na Anpocs, um outro grupo, aí mais pelo caminho da Claudia Fonseca, que era de família, que também estava o Klaas Woortmann, Ellen Woortmann, frequentava também por lá. Em Santa Catarina, logo que eu cheguei, nem tinha começado a dar aula... em 89, quando eu comecei a dar aula lá, a professora Ana Maria Beck, que também era feminista, também do departamento, me chamou e disse assim... Ele era diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Ela disse assim: “Miriam. Tu tem que organizar agora, para o 8 de março, uma atividade sobre mulher, aqui, no nosso Centro.” E foi aí, em poucos dias, semanas, a gente organizou. Chamamos professores... Já tinha tido um esboço do núcleo sobre a mulher, quando eu estava lá, em 84, estudando o programa. Bom. Fizemos, ali, o primeiro evento. E dali, de março de 89, já surgiu o núcleo de estudos e pesquisa sobre gênero, ali, na UFSC. Então, já criamos uma rede interdisciplinar. Porque desse núcleo, já tinha gente da Psicologia, da Letras; lá na Letras, as colegas da Letras, que eram Susana Funck, Zahidé Muzart, Carmen Rosa Coltrane), que já eram mais velhas, estavam organizando, naquele ano de 89, um encontro de mulher e literatura, que era uma coisa importante para a literatura, lá, em Florianópolis, me chamaram para a comissão organizadora, já comecei a organizar com elas. Então, ali a gente já começou a criar uma equipe interdisciplinar muito legal, que é, hoje, o que sustenta o Instituto de Estudos de Gênero, que eu também estou coordenadora nesse momento...

C.C. – Já era o NIGS?

M.G. – Não. São duas coisas. Uma coisa é o NIGS, que é um núcleo de pesquisa que eu criei, coordeno, ligado ao laboratório de antropologia, a outra instância é o Instituto de Estudos de Gênero (IEG), que reagrupa todos os núcleos de gênero da universidade. Que somos, naquele momento ali na UFSC, uns dez núcleos, em vários departamentos, programas de pós-graduação, também com o pessoal da UDESC, a universidade estadual, e outras do interior. Mas o IEG é um grande instituto, que reagrupa vários núcleos. E eu

estou ligada, claro, com meus alunos, a minha equipe, é o NIGS, que é o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, que não tinha ainda esse nome quando foi criado. Ele só surgiu depois, que a gente deu para ele.

C.C. – A Revista Estudos Feministas é de 99, que ela surge, não é?

M.G. – Não. É assim. A Revista Estudos Feministas, ela é criada em 92. Por essa rede daí, que eu já fazia parte, de pesquisadoras feministas ligadas também, muito, à Fundação Carlos Chagas, com financiamento da Fundação Ford. Temos o e famoso encontro de São Roque, que acontece eu acho que no final de 90. Nesse encontro, a Fundação Ford resolve diversificar os seus investimentos no campo de gênero e faz esse encontro, para que sejam decididas as prioridades. Uma das prioridades é a criação de uma revista feminista. A Fundação Ford financia essa revista. Ela está no Rio de Janeiro, inicialmente, com Heloisa, lá, na UFRJ, depois a Malu Heilborn, que também vai ser editora, a Bila Sorj. Ela está ligada à UFRJ, com UERJ. Isso, até 98. Em 98 há uma crise na Revista Estudos Feministas. Por quê? Porque ela foi criada, ela se sustentou, de 92 a 98, com recursos da Ford, muito generosos. Só que a Ford, ela financia as coisas para começarem. E quando chegou no momento que não tinha mais recursos da Ford, também não tinha uma estrutura que pudesse permanecer no Rio de Janeiro. Graças à professora Albertina de Oliveira Costa, da Fundação Carlos Chagas (que é outra pessoa a quem eu devo muito, também, da minha carreira), ela me telefonou um dia perguntando (que era do conselho editorial da revista) se Santa Catarina, com o IEG que a gente tinha (a gente já fazia o *Fazendo o Gênero*), se a gente não poderia assumir a Revista Estudos Feministas, sem dinheiro, sem nada. A gente conversou, a professora Joana Pedro era diretora no Instituto de Filosofia, disse: não, vamos ver se conseguimos uma secretária... Que é a secretária que nós temos até hoje, que é a pessoa, assim, “pilar” da Revista Feminista na UFSC, Carmem Veras Ramos. Pessoa que eu quero realmente agradecer, porque é uma pessoa fundamental também na minha trajetória acadêmica, porque é a pessoa que cuida, faz a gestão desses projetos todos. E aí nós assumimos essa loucura, que foi a loucura de levar a REF para Florianópolis, sem dinheiro, já tinha perdido a periodicidade, e conseguimos, com uma equipe grande, primeiro foi a junta... fiz primeiro editora junto com a Claudia de Lima Costa, colega da Letras que também tem uma trajetória muito ligada aos Estados Unidos, e conseguimos recolocar a REF em dia na periodicidade, que era dois por ano, agora já é três, e a Claudia teve um papel muito importante na entrada da REF no Scielo. A Claudia já estava ligada... com a formação norte-americana que ela tinha, ela já tinha muito mais clareza sobre a coisa do campo editorial internacional. E logo que a gente recebeu um convite do Scielo para uma reunião, não sei o quê, a Claudia foi. E já voltou e: “— Não, nós vamos entrar no Scielo”. Era quando estava criando o Scielo. E aí a gente já entrou no Scielo.

C.C. – O Charles Pessanha era o grande incentivador do Scielo.

M.G. – Exatamente. E o Charles sempre foi apoiador das feministas. Isso aí a gente tem que reconhecer. Ele logo nos apoiou. “Vamos, vamos”, e aí a gente já entrou no Scielo. Isso foi realmente um salto qualitativo. Nós entramos no Scielo em 2000, eu acho.

C.C. – O CNPq tinha um financiamento a revistas, mas precisava aquela periodicidade...

M.G. – Mas a gente conseguiu. A gente ficou sempre com o financiamento do CNPq. Voltamos a ele. Que nós temos até hoje. Mas agora com mais apoio da UFSC e de

programas de pós-graduação, e com as assinaturas também, que é outro trabalho grande que a gente faz, que a gente tem muita... Apesar de estar no Scielo, a REF tem hoje um recorde de assinatura. A gente tem trezentos e cinquenta e seis, eu acho, não sei, assinantes em papel, que é bastante para uma revista no Brasil.

C.C. – A Revista Estudos Históricos também está no Scielo, mas tem também uns trezentos assinantes.

M.G. – Então é isso. Quer dizer... Mas que é uma coisa pouca. Antigamente só tinha no papel. Mas eu não sou mais editora da REF. Hoje eu estou só... Então, no Instituto de Estudos de Gênero, nós temos quatro grandes linhas. Uma é a linha editorial, na qual a gente tem a REF. Hoje, a professora Mara Lago é a principal editora, junto com Cristina Scheibe e Tânia Ramos. A gente publica livros também, por essa linha. A gente tem outra linha do IEG, que é a linha de eventos, que é o *Fazendo o Gênero*. E a gente agora vai fazer, em 2017, o encontro mundial de mulheres. A outra linha que a gente tem é de formação. A gente faz curso de formação para professoras, pelo GDE. Estamos agora criando o curso de especialização. E o campo da pesquisa, que é onde agrupa todas as pessoas. Então, é muito grande a abrangência do IEG, em termos de pessoas. Só de pesquisadoras doutoras, a gente tem um grupo de 40 pesquisadoras doutoras ligadas ao IEG.

C.C. – Em paralelo à sua carreira acadêmica... não tão paralelo, mas você também teve, nesses anos todos, uma participação muito presente na mídia, falando na imprensa, em audiências públicas, essas questões sociais geraram muita demanda de especialistas falando sobre esses temas. Como é que você lidava com essa dimensão de intelectual pública?

M.G. – Olha. É assim... Intelectual pública. Sim. É uma coisa que eu aprendi a fazer desde que eu... Mas como jovem, eu já tinha ido na televisão, quando eu estava no colégio, por *n* razões. Então, assim, eu já tinha tido essa experiência muito antes de ser professora e já tinha tido essa experiência pela militância, de falar com a mídia. Minha mãe, depois, claro, era uma pessoa que frequentava a mídia, e ela sempre tinha muito claro a importância da imagem na mídia e tal. Depois tem a seguinte questão. Os colegas, em geral, eles têm pânico de mídia, de responder para a mídia, dizendo – uma coisa que é real, que é verdadeira, que é: que a mídia deturpa, não diz o que a gente disse, faz coisas... É óbvio. Isso sempre faz. Mas eu passei a tomar... Primeiro, tendo clareza disso, de que, dificilmente, o que eu digo vai ser o que vai ser colocado. Por quê? Por exemplo, o exemplo da violência. Eu era antropóloga, estudava violência, pensava nas complexidades da violência e nas ambiguidades, então eu ia para a televisão e começava a falar. E aí aparecia como – “não, eu sou a favor da violência”. Sabe? Na edição, a favor da violência. Hoje não. Violência? Violência é um mal, tem que ser combatida. No Brasil, tem tantas mulheres por dia que morrem... Quer dizer, para a televisão, o discurso tem que ser um discurso chapado, tem que ser um discurso da denúncia e ponto final. Não é um discurso...

C.C. – Para caber em alguns segundos.

M.G. – Não é o espaço da reflexão antropológica na sua sutileza e na sua complexidade, evidentemente. Mas por outro lado, eu acho que é muito importante dialogar com a mídia, porque a mídia, ela é poderosa; então, eu nunca me recuso a responder para a mídia. Agora eu tenho, felizmente, muitos alunos, ex-alunos, ex-orientandos, e agora eu já posso...

dependendo do assunto, eu já repasso para vários alunos meus. Inclusive, no nosso núcleo, sempre tem alguém do jornalismo ou outro que faz um treinamento com os alunos de iniciação científica sobre como falar com a mídia. Porque como a gente tem muitos projetos, como o projeto *Papo Sério*, que é um projeto que a gente faz com escolas e que a gente faz muita divulgação na mídia, são os alunos da iniciação científica que a gente manda para falar na mídia, então a gente faz treinamento sobre olhar para a câmera, o que dizer, como se preparar e tal. Eu acho que isso é uma coisa muito importante também, no campo acadêmico. Eu acho que a coisa da mídia é isso. E depois, é aquela coisa, tu é um informante, então, uma vez que tu fala para um, o outro quer, então eu evito coisas muito absurdas sobre... sei lá, discos voadores “— O que a antropologia tem para dizer sobre os discos voadores?” “—Não. Desculpa, eu não sei nada sobre isso.” Mas me perguntam sobre mil coisas. E quando eu acho que são coisas pertinentes, mesmo não sendo minha especialização, eu tento responder. Claro que aí acho que tem outra coisa. Estou falando aqui para um colega do Rio de Janeiro, que a gente fica pensando assim. Quer dizer, eu vejo muito Globo News, vejo muitos colegas, é muito diferente tu falar para a mídia estando em Santa Catarina do que se eu estivesse no Rio de Janeiro ou em São Paulo ou em Brasília ou mesmo em Porto Alegre. Claro. A mídia que de alguma forma eu dialogo é uma mídia muito mais local do que uma mídia nacional, pela forma como se produz o campo de comunicação no Brasil.

C.C. – Bom. Vou lhe perguntar agora sobre a ABA, da qual você foi presidente de 2004 a 2006. Como surgiu a convocação, vamos dizer assim, para?...

M.G. – Convocação. Uma noite fria de inverno, (*ri*) um telefonema do professor Sílvio Coelho dos Santos, me dizendo que o Conselho Diretor da ABA estava avaliando o meu nome como uma candidata para ser presidente da ABA. Na época, eu estava na Capes como representante da área de antropologia e também eu tinha sido eleita pelos meus colegas na Capes para representar a área de humanas no CTC, o Conselho Técnico Científico; que era muito diferente do que é hoje. Hoje ele engloba (e eu acho que mudou para melhor) todos os representantes de área. Na época era representação mesmo. E era realmente um espaço de embate político, com áreas científicas, tecnológicas, biológicas e tal, bastante *hard*. Eu estava lá naquele momento...

C.C. – Mais poderosas do que as humanas.

M.G. – Do que as humanas. E ali, naquela experiência na Capes, que, para mim, foi uma experiência da política acadêmica muito importante, eu aprendi, eu vi o quanto a minha reflexão antropológica e como feminista, ela era importante para as múltiplas subalternidades das quais eu representava. Eu era mulher, aliás, éramos pouquíssimas mulheres, eu era jovem na época, tinha quarenta e poucos anos, era muito jovem, (na primeira reunião, um diretor da Capes chamou a mim e a um outro colega da Bahia (não por acaso negro): “o movimento estudantil aí... cale-se”. Então, eu era de Santa Catarina, um lugar que não tinha valor nenhum na geopolítica da ciência e tecnologia brasileira, e portanto, a minha voz, de antemão, ela era desqualificada totalmente. E foi muito desqualificada. Mas, felizmente, o fato de ser antropóloga, de saber o que significam as relações de poder e como elas são conjunturais e como os lugares de fala, eles falam de mil coisas e tal, e ser feminista, de saber que – bom, que também esses lugares, eles não são do sujeito que está me agredindo ou tentando dialogar comigo por outras formas de sedução, etc., (porque essas coisas estão todas muito presentes no campo da política, como as questões subjetivas, elas passam também por essas relações interpessoais, onde tu como

mulher, em geral, tu não existe como intelectual, tu tem que ser bonita, tu tem que estar arrumada, tu tem que ser sedutora, tu tem que estar disponível, também, para esse tipo de vínculo, isso eu acho que foi o que fortaleceu muito nessa experiência, de poder ver isso como posições de sujeito. Foi nesse contexto, que eu acho que eu estava aprendendo muito sobre o campo científico, que eu fui convidada para a ABA e que eu aceitei - não sem antes ter quebrado a perna... (ri) para assumir a ABA; e me candidatei, e tive essa gestão de 2004 a 2006; que tive, assim, um dom também, que foi o fato de que, em 2005, a ABA completava 50 anos, e aí o projeto da nossa gestão, da nossa diretoria junto com Peter Fry, que foi meu vice (a quem também... foi uma pessoa fundamental na nossa gestão), Cornelia Eckert, que era secretária, pessoa também importantíssima nessa reflexão, a (Esther) Jean Langdon era tesoureira, a gente começou a pensar num projeto, que era: a ABA fosse em todo o Brasil. Em vez de fazer uma comemoração dos 50 anos da ABA, nós fizemos quinze comemorações. Nós fomos, foi assim uma epopeia, fomos em todos os programas de pós-graduação que tinham na época e em alguns lugares que nem tinham programa de pós-graduação, ainda, mas que a gente ajudou de alguma forma, produziu a ambiência, para que eles fossem criados. Foi uma experiência maravilhosa. Eu conheci colegas do Brasil inteiro. Eu vi o quanto a antropologia estava crescendo e o quanto ela era inovadora, fora dos lugares onde já éramos reconhecidos. Foi uma experiência realmente reveladora, no sentido de que a antropologia já não era mais aquela antropologia dos grupos pequenos, que era essa antropologia que a gente vê hoje, aqui, na RBA. A gente não tem a dimensão de quem são, se a gente não para olhar os dados, quem são as 3.800 pessoas que se inscreveram, aqui, até ontem, quando eu passei lá na secretaria e perguntei quantos estavam. Tinha 3.800 pessoas credenciadas. São na sua grande maioria... dois terços dessas 3.800 pessoas tem menos de 40 anos. Esses dois terços são alunos de mestrado e graduação, e doutorado. É uma antropologia espalhada pelo Brasil inteiro. Os lugares de onde vêm são os mais variados.

C.C. – Tem mais programas, também, espalhados no Brasil. Antigamente você tinha Brasília, Rio, Campinas, Porto Alegre...

M.G. – Então é isso, quer dizer, a experiência da ABA é essa, de que foi um momento muito importante, eu acho, disso, de também... e transformá-la um pouco nesse sentido, que eu acho que ela é hoje, super consolidada e nacional, e integradora dos jovens. Quer dizer, a criação da categoria de sócio aspirante era demanda já naquele momento. Não foi nossa gestão que ela foi constituída. Mas foi lá que ela foi... assim, pensada, de incluir os estudantes. Foi naquele momento que a gente criou também o Prêmio Lévi-Strauss, que hoje é um super sucesso, para os estudantes de graduação que apresentam pôsteres. Acho que foi o momento de mostrar que a ABA tinha... ela era realmente... ela tinha uma demanda nacional. E eu fico muito feliz de ver que isso só se amplia.

C.C. – Nessa época estavam surgindo também as experiências primeiras de graduação em antropologia, não mais em ciências sociais. Participei de uma mesa na UnB com Carla Teixeira... Não me lembro direito. Acho que foi a Yvonne [Maggie] que me convidou. Eu sei que era para falar de ciências sociais, que eles queriam que a antropologia discutisse, no âmbito das ciências sociais ou...

M.G. – Essa discussão foi uma discussão... A gente também criou a comissão de ensino de antropologia. Era uma discussão central na comissão de ensino. Muito dividida, porque tinha uma corrente forte de pessoas que eu admiro muito que achavam que não tem... E isso está publicado no livro *Ensino da Antropologia no Brasil*, tem as várias posições lá.

Que achavam que a nossa programação tinha que ser de pós-graduação e que tinha que permanecer nas ciências sociais, que era esse o nosso compromisso institucional. Já naquele momento tinha muitas pessoas que achavam que não, sobretudo os jovens: temos que ter uma formação direta de antropologia, desde a graduação e tal. Ali, em 2006, em Goiânia, durante a RBA, tinha sido feito vestibular, tinha o primeiro curso de graduação em antropologia e arqueologia da Católica de Goiás. Foi o primeiro curso.

C.C. – Aliás, eu até participei desse livro, tem um “capitulozinho”.

M.G. – Então. Veja. Ali foi o primeiro curso. Depois, até, não deu sequência lá na Católica, mas foi a partir dali que UFRGS e outros lugares criaram, mesmo lá na UFSC, nós criamos o curso de graduação em antropologia, que é a nova realidade da ABA, agora. Quer dizer, agora, nós temos alunos de ciências sociais e de antropologia que estão vindo para a ABA. É também um desafio. Porque nesse meio tempo, para os alunos de ciências sociais se consolidou a licenciatura em ciências sociais, onde o campo de ensino de ciências sociais é imenso. Tem sido um campo profissional, para jovens antropólogos, de muito impacto. Na antropologia, nós optamos mais por bacharelato. Tem também todas as questões de demandas etc. Acho que esse é um desafio mesmo, nesse momento, da gente pensar os cursos de graduação em antropologia, dos quais eu me sinto parte do projeto político de a gente criar... Vamos dizer o seguinte. Qual foi a grande... Até o momento, o que eu posso dizer, assim uma coisa consolidada, da criação dos cursos de graduação em antropologia no Brasil inteiro foi a criação dos cursos de graduação em antropologia pelo *Reuni*, que permitiu a quase duplicação de jovens doutores em antropologia, que fizeram concurso e ingressaram em universidades federais. É o caso da UFSC. A UFSC, com o curso de graduação em antropologia, nós passamos de 14 para 27 professores, em antropologia.

C.C. – Talvez, por isso, toda a discussão sobre o campo profissional do antropólogo.

M.G. – Exatamente. Então assim...

C.C. – Na história, na sociologia, você tem o ensino médio também, a licenciatura é uma coisa forte. A antropologia é uma realidade...

M.G. – Então é isso. Eu acho assim. A criação da graduação em antropologia foi muito eficaz para absorver o aumento de professores doutores egressos da pós-graduação. Agora o desafio é como a gente vai fazer para absorver, aonde, qual o mercado de trabalho, em que lugares, absorver os egressos das graduações em antropologia. Porque, evidentemente, nós não queremos que todo aluno que seja egresso da antropologia faça mestrado e doutorado em antropologia. Claro, alguns vão fazer. Mas essa não pode ser a meta. A graduação em antropologia, a gente pensou ela para atuar em políticas públicas, atuar em ONGs, atuar em outras instâncias onde a gente sabe que a antropologia é super demandada e necessária.

C.C. – Ótimo. Bom, não temos tanto tempo mais. Mas eu queria perguntar mais algumas coisas. Primeiro, que você falasse da sua experiência audiovisual. Assisti o vídeo do Mauss segundo as suas alunas e um outro também. Bom. A Carmen está nessa área de antropologia audiovisual muito fortemente. Mas como é que você se envolveu também nessa experiência audiovisual, nesse vídeo em particular?

M.G. – Voltando um pouco. A antropologia audiovisual não é a minha área. Essa é uma das poucas parcerias acadêmicas que eu tenho feito com a Carmen. A gente tem tido sempre bastante preocupação de fazer coisas separadas e com interesses diferentes, porque também é importante não misturar integralmente a vida profissional com a vida privada. E essa é uma das coisas que a gente tem muita preocupação. No caso dos filmes que a gente fez com as antropólogas, isso acabou funcionando em conjunto por razões bastante pragmáticas. Eu tinha a pesquisa sobre história da antropologia, gravava... gravador. Mas, evidentemente, era fundamental ter imagens também. Com isso, a Carmen se entusiasmou, e a gente começou a produzir juntas essas entrevistas, com imagens, com essa... Isso foi quando nós estávamos em Paris, 96-98. Foi quando a gente começou esse projeto, junto, da história da antropologia. E depois, claro, fazendo imagem juntas, depois tem o momento, que você sabe que é o momento mais complexo, difícil, da edição. E aí, claro, também... bom. Comecei a ter que aprender a trabalhar na edição. Só que não basta dizer... Não é exatamente aquilo que a gente quer e tal. Com isso a gente continuou viajando e fazendo outras entrevistas em viagens. Por exemplo, a gente fez um outro vídeo, em Bali, que se chama *Djero encontra Iketut em Bali*, que é um filme que a gente fez no vilarejo onde Margaret Mead e Gregory Bateson fizeram a sua pesquisa de campo em 1939. E a gente encontrou o bebê que aparece no filme sobre nascimento em Bali, que é o Iketut. E que tivemos, por mil acasos... A gente conta isso nesse filme que a gente fez. Está também *online*.

C.C. – Eu sempre passo para os alunos também.

M.G. – Então esse filme, também, foi outra coisa que a gente fez. E a gente tem... mesmo em Bali, eu tenho vontade de continuar pesquisando em Bali. Então, o meu trabalho em antropologia visual, evidentemente eu não... Mas eu frequento festivais, e a gente acaba ficando com essa sensibilidade. Mas não é o campo que eu trabalho. O meu trabalho, meu campo, realmente... Meus campos são no campo de gênero e sexualidade, a primeira fase do meu trabalho foi na área de violência contra a mulher, o SOS foi minha tese... Claro, continuei trabalhando sobre isso, agora mais ligado à homofobia, à lesbofobia, transfobia, que é o que eu tenho feito mais recentemente, no campo da violência. Tenho orientado muitas pessoas sobre violências de gênero. Aí, fiz consultorias para... mais recentemente, para a CPI da violência, do Senado. Em 95, para a conferência de Beijing, fui consultora do governo brasileiro no documento oficial. Fiz muitas coisas nessa área aí. Não é o que eu tenho trabalhado em prioridade nesse momento. Depois trabalhei sobre essa questão de... com as freiras, gênero, religião, em algum momento. É algo que eu quero voltar um dia. Ainda não chegou a hora, porque foram outras demandas.

C.C. – Voltar ao convento?

M.G. – Não. Eu volto lá de vez em quando. As minhas informantes todas já morreram, daquela época. Eu tenho depois... Comecei a trabalhar com história da antropologia e com o campo da ciência e tecnologia. Que é uma linha importante que eu tenho trabalho agora, que é essa linha que eu chamo de gênero e ciências, onde eu tenho orientado muitos dos trabalhos desses que tu listastes aí, falando desses 50 trabalhos... 59, que eu nem sabia que eu orientei, nesse campo de gênero e ciências, que aí envolve desde história da antropologia, mulheres em campos científicos, em diferentes profissões e tal. Comecei a trabalhar, nos anos 90, sobre homoparentalidade e conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo, trabalhando na França, e aí orientei muitas pessoas; e numa rede, junto com Anna Paula Uziel, Luiz Mello, fizemos um livro e várias publicações. Foi um trabalho que eu

orientei, do qual... claro, continuam alunos trabalhando. Mais recentemente, tem um interesse muito grande dos alunos sobre a questão trans. A última tese, que foi defendida duas semanas atrás, da Simone Ávila, era sobre transsexualidades masculinas. É um campo de interesse muito grande agora, que tem surgido. Dou aula no campo de teoria antropológica, tenho dado muitas aulas nisso, de metodologia e de gênero. São os três grandes, digamos, campos nos quais eu tenho ensinado. Porque eu faço muito... Eu, realmente, para mim... Muitas pessoas dizem assim: “depois que tu passa de uma idade, tu não vai mais dar aula; te livra da graduação”. Eu, pelo contrário, para mim, a graduação é uma cachaça. É aquela coisa assim. Eu preciso dar aula na graduação. Eu acho que dar aula na graduação fundamental. Eu me alimento muito. É um momento assim, paradoxalmente, onde eu descanso. Quando eu saio de uma aula na graduação, sobretudo, é quando eu saio alimentada; e não saio exaurida, sem vontade de fazer nada. Eu saio, em geral, muito satisfeita. É nesse campo que eu tenho dado aula na graduação.

C.C. – Agora, além da sua conexão francesa, que vem desde muito cedo, você esteve dois períodos na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Como você foi?

M.G. – Olha. Era um lugar que eu sempre quis ir, assim, já tinha tido vontade de fazer pós-doutorado lá. Mas depois fui convidada pela professora Paola Bacchetta, que era, quando eu fui a primeira vez, coordenadora do Centro de Estudos Feministas de lá, que também por uma conexão francesa, e aí... bom. Não sei se... Todo mundo que já morou em Berkeley, acho que não conheço ninguém que não tenha gostado. É um lugar que é muito bom, é uma universidade fantástica. As condições de trabalho são impressionantes. É uma universidade totalmente alternativa, totalmente politizada, engajada, e onde passa gente do mundo inteiro. E a vida em Berkeley, também, é uma vida altamente alternativa. Então, por exemplo, a última vez que eu estive lá, aluguei uma casa de uma pessoa que era *vegan*, então já me tornei *vegan*, porque não podia, naquela casa, ter outros tipos de alimento. Então tem uma experiência... Tem experiências de vida...

C.C. – Você continua *vegan*?

M.G. – Não, não. Foi um momento. Mas eu respeito muito essas...

C.C. – Eu sou vegetariano, por isso que eu fiquei... (*ri*)

M.G. – Eu respeito muito, porque... Mas... Cada vez que eu vou, também, para Berkeley... As duas vezes que eu fui para Berkeley, que eu pretendo voltar de novo, foram experiências muito legais também de vida.

C.C. – Foi recente. Você esteve lá o ano passado?

M.G. – É, no ano passado, eu estive de novo. É um lugar que eu tenho gostado de ir. Assim como Paris. Paris, eu volto, eu vou todo ano. Já tenho meu lugar lá. Faz parte da minha dupla vida. Eu tenho minha vida em Florianópolis e minha vida em Paris, no sentido tanto pessoal, de amigos e tal, mas também profissional. Todo ano que eu vou para Paris, já tem aquele circuito de lugares que eu tenho que fazer uma palestra, fazer uma intervenção e tal, algum seminário. Tivemos um convênio com Toulouse, onde eu fiquei bastante tempo. Com os colegas de Portugal também. Trabalhei lá no ISCTE. A gente tem um convênio.

C.C. – Com Antónia, não é?

M.G. – Junto com Antónia e o Miguel Vale de Almeida. Dei um curso junto com a Antónia. Foi muito legal. Temos muita relação lá com Cristiana Bastos, no ICS. Então, Portugal é outro lugar que...

C.C. – Você ficou quanto tempo em Portugal?

M.G. – Fiquei um semestre. Um semestre, que dei uma disciplina na graduação, na pós-graduação também. E foi uma experiência bem legal, lá. Também é outro lugar que a gente tem vontade de voltar, para morar em Portugal.

C.C. – É um meio acadêmico que fala português, e a gente, tradicionalmente, tem pouco contato.

M.G. – É. E era muito legal, porque, sobretudo nas aulas lá, tinha momentos... de tradução português-português. Eu sei que aqui... parada de ônibus: paragem. Então a gente brincava nas traduções, porque eu falava em português do Brasil. Mas eu sei que em Portugal é um pouco diferente. Mas foi muito legal. Foi uma experiência muito boa. Agora, dos meus alunos lá, já têm vários que estão se doutorando, já tenho tido pessoas que têm me escrito para fazer pós-doutorado aqui. Isso tem sido uma experiência muito legal, nos últimos anos. Eu tenho recebido muitos alunos estrangeiros com pós-doutorandos, na equipe do NIGS. Recentemente...

C.C. – Agora tem vindo muitos portugueses, por causa da crise, fazer concurso, bolsa...

M.G. – É. Recentemente, eu tive duas alunas italianas, a Caterina Rea e Arianna Sala, que estiveram lá até muito recentemente. E tenho tido muitos alunos de pós-doutorado. Tu me perguntava sobre essa questão... O NIGS e a formação dos orientandos. Para mim, realmente, o espaço da sala de aula é um espaço fundamental. O outro espaço que é a minha vida mesmo é o espaço da pesquisa do NIGS, da minha relação com os meus orientandos; e aí vai desde a iniciação científica do ensino médio, que nós temos um projeto de ensino médio com escolas públicas, até o pós-doutorado. Então, nossa equipe tem alunos de várias idades e de várias formações. E o projeto político, mesmo, pedagógico é de integrar todas as níveis de formação. E aí isso vai desde cada um fazendo a sua pesquisa, claro, TCC, mestrado, doutorado, pós-doutorado... mas também pesquisas coletivas e atividades de sanção de impacto social. Nesse momento, um dos projetos que eu estou trabalhando é no campo da educação, seja na formação de professores na área de higiene e sexualidade, sobretudo sexualidade, seja na formação de estudantes de ensino médio e fundamental, com o que a gente faz: o concurso de cartazes contra a homofobia, oficinas e tal. É o que gente tem feito muito. E aí eu tenho uma equipe. Quase que permanentemente, são 30 estudantes que estão nessa equipe.

C.C. – É um desafio grande, você juntar coisas como ação social, ensino médio, pós-graduação, graduação.

M.G. – E essa equipe, ela é multidisciplinar mesmo. Alunos de graduação de todos os cursos da UFSC. Eu dou aula em dois programas de pós-graduação, na antropologia, e no doutorado, na área de ciências humanas, na minha, é de gênero, tem alunos de duas pós-graduações que estão ali, do mestrado de antropologia, da graduação, várias graduações, e é um desafio muito interessante, e eu acho que o que resulta é muito bom. Eu sou muito

orgulhosa das trajetórias dos meus ex-orientandos que estão hoje, praticamente, em todas as regiões do país, são pioneiros de núcleos de pesquisa em vários lugares. Aqui, em Natal, é um desses lugares. Que eu estou muito feliz de estar aqui numa RBA organizada por ex-orientandas minhas. E é muito bom isso, quando a gente vê que as coisas, elas se frutificaram.

C.C. – Uma última pergunta, que a gente sempre faz. A gente sempre pede para o entrevistado destacar um livro que tenha sido especialmente importante, alguma leitura que transformou...

M.G. – Ah. Mas aí você... Essa, tinha que ser dada de tarefa de casa para... (ri)

C.C. – Mas o que vem assim à mente?

M.G. – Olha. São muitas coisas. Eu acho que é difícil dizer um livro. Mas eu acho que no campos dos estudos da etnografia, dos estudos feministas, eu não tenho o que dizer mesmo o que são. E acho que aí é uma coisa assim. Menos que um livro, eu acho que é nessa nossa tradição, que encanta tanto os colegas estrangeiros, a tradição da antropologia brasileira como uma tradição de transmissão oral. Eu acho que a nossa transmissão, essa transmissão oral, ela é muito importante. Quer dizer, nessa linha. Eu sempre me identifiquei com o campo da antropologia urbana, porque eu tinha aula com Ruben Oliven e eu lia os trabalhos do Gilberto Velho. E do Gilberto Velho e de toda a equipe, da qual tu fazes parte, dos seus orientandos, com todos os livros que iam sendo publicados, como Maria Dulce Gaspar e etc. Então, essa linhagem vinda do Museu Nacional, do campo da antropologia urbana, esses eram livros que eu lia. Não vou destacar nem um nem outro, mas, que eram textos, e muita coisa como... A gente lia muito textos da Anpocs e tal. Então tem isso digamos no escrito. Eu estava em Porto Alegre, trabalhava com a Claudia, com a Noemi, então recebia também muito da literatura feminista de primeira mão do que elas liam; pela Noemi, do que era produzido na Unicamp, pelo Peter, Verena, Mariza, foram coisas, também, que eu li que me marcaram muito. E os meus professores lá da URGS, que não tinham ainda livros, mas que depois, eu citaria *Família, Fofoca e Honra*, por exemplo, que é o primeiro livro... assim, com uma coletânea de vários textos da Claudia Fonseca, que tinha lido, citado, etc.. Então, só para dizer assim. Eu não vou te citar um livro mas dizer que foram várias linhagens que foram importantes. Eu diria, basicamente, essa linhagem do Museu, na antropologia urbana, da Unicamp, das questões de gênero, em Porto Alegre, que foram meus professores mesmo, do urbano e do gênero, e depois, aí um pouco mais tarde, do diálogo com os colegas, sobretudo as colegas da UnB, que trabalhavam nesse campo de gênero.

C.C. – Muito bem. Eu acho que, por mim, está ótimo. Não sei se tem algo mais...

M.G. – Não. Acho que...

C.C. – Foi intensa a entrevista, mas foi muito boa.

[FIM O DEPOIMENTO]